



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Multicampi Cornélio Procópio e Londrina
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humana,
Sociais e da Natureza

Carla Maria do Carmo Ravaneda de Antonio

ROTEIRO DE LEITURA:

A Hora dos Ruminantes de José J. Veiga

LONDRINA - PR
2024

CARLA MARIA DO CARMO RAVANEDA DE ANTONIO

ROTEIRO DE LEITURA:

A Hora dos Ruminantes de José J. Veiga

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Multicampi Cornélio Procópio e Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Cesar Menon

LONDRINA
2024



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



CARLA MARIA DO CARMO RAVANEDA DE ANTONIO

ENTRE A REALIDADE E O INSÓLITO: EXPLORANDO O REALISMO MÁGICO EM A HORA DOS RUMINANTES DE JOSÉ J. VEIGA: UM ROTEIRO DE LEITURA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Ensino De Ciências Humanas, Sociais E Da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Ensino, Ciências E Novas Tecnologias.

Data de aprovação: 05 de Julho de 2024

Mauricio Cesar Menon, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Fabio Lucas Pierini, Doutorado - Universidade Estadual de Maringá

Sandra Elis Aleixo, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 05/07/2024.

Roteiro de Leitura

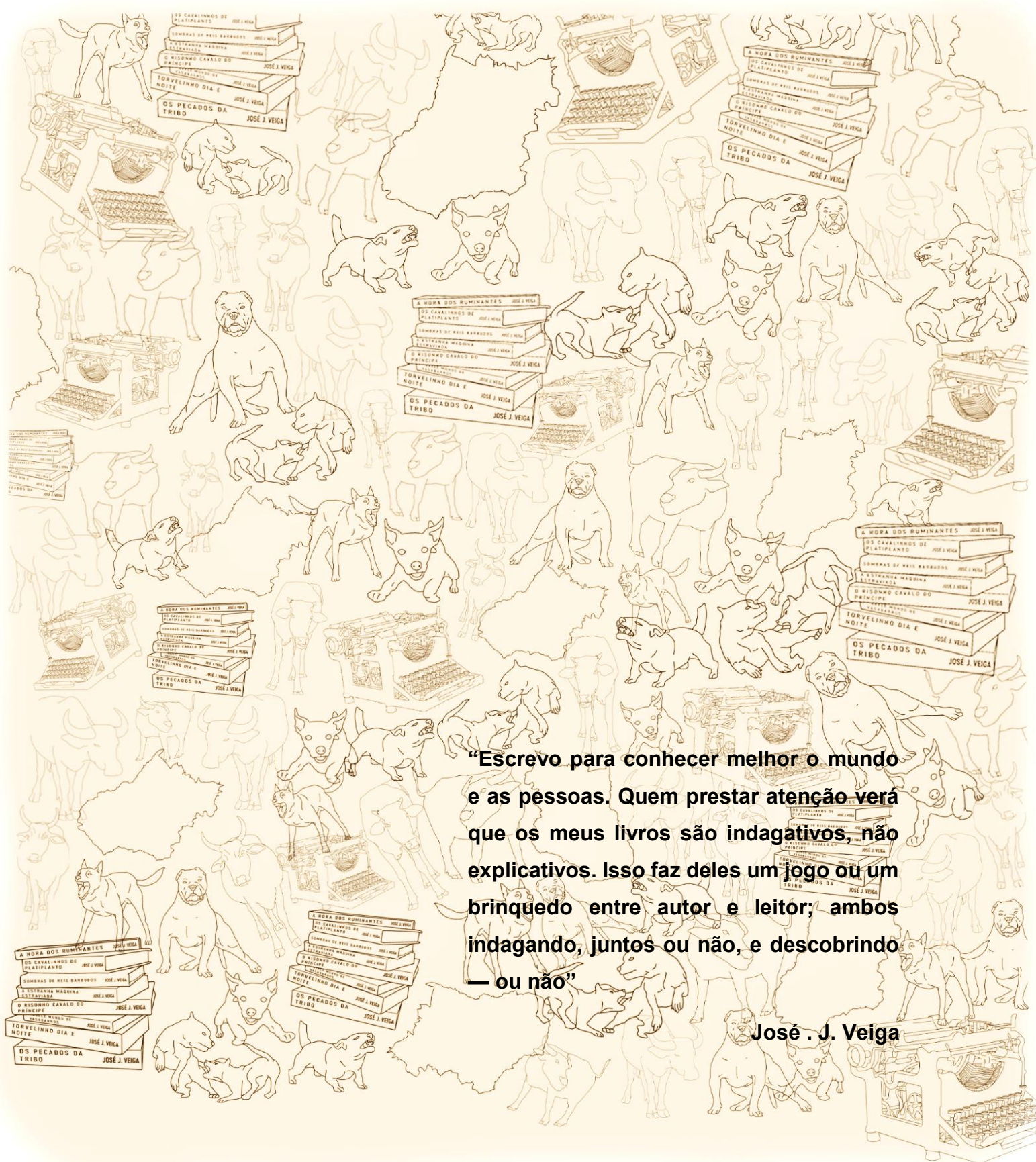


A Hora dos Ruminantes

José J. Veiga

Carla Maria do Carmo Ravaneda de Antonio

Ilustrações: Julia Ravaneda de Antonio



“Escrevo para conhecer melhor o mundo e as pessoas. Quem prestar atenção verá que os meus livros são indagativos, não explicativos. Isso faz deles um jogo ou um brinquedo entre autor e leitor; ambos indagando, juntos ou não, e descobrindo — ou não”

José . J. Veiga

SUMÁRIO

1 PERFIL BIOGRÁFICO DO AUTOR	8
1.1 Quem foi José Jacinto Pereira Veiga	9
2 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS	12
2.1 Contexto Histórico	13
2.2 O teor Regional em sua Obra	14
2.3 Linguagem Popular	15
3 REALISMO MÁGICO	19
3.1 Realismo Mágico	20
4 APRESENTANDO A OBRA	23
4.1 A Chegada	24
4.2 O Dia dos Cachorros	25
4.3 O Dia dos Bois	26
4.4 O Fim	28
4.5 Os Personagens	29
4.6 A Hora dos Ruminantes	31
5 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS	33
5.1 O conto “A usina atrás do morro” e sua relação com a obra	34
5.2 Manarairema: um lugarejo pacato	34
5.3 A alegoria e o mágico em esferas diferentes	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

APRESENTAÇÃO

O papel da literatura é vasto e multifacetado. Ao longo dos séculos, ela tem desempenhado diversos papéis na sociedade, desde entretenimento até uma reflexão profunda sobre questões humanas, sociais e filosóficas. É através da literatura que os criadores podem explorar questões existenciais, dilemas éticos, sociais e filosóficos, permitindo que os leitores se conectem com a experiência humana, de uma forma mais profunda e significativa.

O realismo mágico é um gênero literário que assume um papel particularmente interessante na literatura. Ao combinar os elementos do realismo e da magia, os escritores dessa corrente desafiam as fronteiras da realidade e criam um ambiente onde o impossível e o inesperado podem ocorrer em meio a um cenário aparentemente cotidiano. Nesse sentido, o realismo mágico não apenas entretém os leitores com histórias fascinantes, mas também oferece uma oportunidade única de explorar aspectos mais profundos da natureza humana e da sociedade.

José J. Veiga é um dos autores brasileiros mais associados ao realismo mágico, trazendo elementos mágicos e simbólicos em suas narrativas. A obra *A Hora dos Ruminantes* desempenha um papel significativo nessa vertente, ao desafiar os limites do gênero e introduzir uma abordagem enriquecedora e provocativa. Sua obra contribui para a expansão dos horizontes narrativos, ao mesmo tempo que dialoga com as preocupações humanas coletivas. É através da fusão entre o cotidiano e o insólito, presente em vários de seus trabalhos, que a narrativa de José J. Veiga, estabelece um legado duradouro na literatura, ao inspirar reflexões sobre a condição humana e a natureza multifacetada da realidade.

O presente roteiro de leitura traz uma análise do romance *A Hora dos Ruminantes*, procurando levar o leitor a conhecer diversos aspectos da narrativa e do autor. Ou seja, a criação deste produto educacional visa proporcionar um estudo aprofundado dessa obra.

A implementação de um roteiro de leitura no contexto do ensino médio, voltado para professores, representa uma ferramenta educacional relevante, que amplia significativamente a compreensão e o ensino literário dos

alunos. O realismo mágico, profundamente caracterizado por elementos fantásticos, mundos imaginários e inexplicáveis, oferece um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, críticas e reflexivas, bem como para a expansão da imaginação e do pensamento simbólico.

Primeiramente, o roteiro de leitura estrutura a abordagem do conteúdo literário, fornecendo uma sequência de etapas que orientam os alunos na exploração sistemática da narrativa. Isso contribui para a promoção de uma leitura mais aprofundada e crítica, em contraposição a uma mera apreensão superficial da trama. Através do roteiro, os alunos são incitados a identificar os elementos mágicos presentes na obra, analisar sua função na construção da história e, especialmente, distinguir possíveis metáforas e simbolismos subjacentes.

O roteiro de leitura, ao direcionar a atenção dos alunos para esses pontos, não apenas facilita a conexão entre o mundo ficcional e o contexto da vida real, mas também pode provocar discussões enriquecedoras no contexto da sala de aula. Por meio de debates sobre sua natureza, o conflito entre o bem e o mal, a jornada do(s) protagonista(s) e a construção de universos imaginários, os alunos são instigados a desenvolver habilidades de pensamento crítico e analítico.

Diante do exposto, a utilização de um roteiro de leitura no ensino médio, com o propósito de explorar uma obra do realismo mágico, pode revigorar o ambiente educacional ao estimular uma leitura mais profunda, análises reflexivas e debates enriquecedores.

PERFIL BIOGRÁFICO DO AUTOR



1.1 Quem foi José Jacinto Pereira Veiga



Nascido no dia 02 de fevereiro de 1915, na Fazenda Morro Grande, em Corumbá de Goiás, órfão de mãe desde os 10 anos de idade, José J. Veiga passou seus primeiros anos da infância na zona rural, na fazenda de seus tios. Após um tempo vivendo com eles, foi morar com outros parentes, a família Costa Campos. Veiga, no ano de 1926, iniciou seu curso ginásial no Liceu na cidade de Goiás.

Foi morar no Rio de Janeiro em 1935, onde teve diversas ocupações, dentre as quais: no comércio, no rádio como locutor e na área da propaganda. Estudou na faculdade Nacional de Direito entre os anos de 1937 até 1941, quando se tornou bacharel. Antes de ser escritor J Veiga trabalhou no serviço público por cinco anos, deixando o funcionalismo para assumir o trabalho como comentarista na BBC.

Em 1949 ele retorna ao Brasil e trabalha como jornalista no O Globo e na Tribuna da Imprensa, também, posteriormente, na redação da revista seleções do *Reader's Digest*.

Seu verdadeiro chamado era a literatura, e ele logo se viu imerso no mundo das palavras e das letras. Em 1959, aos 44 anos, estreou na literatura com *Os cavalinhos de Platiplanto*, livro que recebeu vários prêmios, dentre eles a Menção Honrosa da Comissão Julgadora do Prêmio Monteiro Lobato e Prêmio Fábio Prado. Com uma vasta produção literária, podem-se destacar os seguintes títulos: *Os cavalinhos de Platiplanto* (1959); *A hora dos ruminantes* (1966); *A estranha máquina extraviada* (1967); *Sombras de reis barbudos* (1972); *Os pecados da tribo* (1976); *O Professor Burrim e as quatro calamidades* (1978); *De jogos e festas* (1980); *Aquele mundo de Vasabarro* (1981); *Torvelinho dia e*

noite (1985); *O trono no morro* (1988); *A casca da serpente* (1989); *Os melhores contos de J. J. Veiga* (1989); *O Almanach de Piumhy* - restaurado por José J. Veiga (1989); *O risonho cavalo do príncipe* (1993); *O relógio Belizário* (1995); *Tajá e sua gente* (1997); *Objetos turbulentos* (1997); *O galo impertinente* (1997).

Teve seus livros publicados em diversos países, entre eles Portugal, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra. No ano de 1976, ganhou o Prêmio Pen Clube do Brasil pelo livro *Os pecados da tribo*. Vencedor do Prêmio Jabuti por três edições: 1981, 1983 e 1993. Ganhou, pelo conjunto de sua obra, a versão 1997 do Prêmio Machado de Assis, outorgado pela Academia Brasileira de Letras. É fato que J. Veiga conquistou leitores de todas as idades; com sua linguagem convidativa conseguiu aproximar o leitor de mundos reais e imaginários, trabalhando com o impossível e o absurdo, com sonhos e devaneios em seus enredos.

Nos anos seguintes, José J. Veiga continuou a escrever e publicar poesia e prosa, ampliando sua temática para além das raízes do insólito¹ e explorando questões relacionadas com a natureza humana, a solidão e a busca pelo sentido da existência. Sua escrita delicada e reflexiva tocou muitos leitores e contribuiu para enriquecer a literatura brasileira.

Considerado um romancista, contista, jornalista e tradutor da língua inglesa, era um apaixonado pela leitura, isso pode ser comprovado pela vasta coleção de livros seus, que foram doados à biblioteca Central do Sesc Goiânia, espaço que abriga mais de 1700 livros que pertenceram a ele; são obras em português, inglês e espanhol que identificam uma trajetória de leitura que teve uma grande influência em sua própria carreira literária.

Veiga, apesar de ter iniciado sua carreira literária aos 44 anos, conseguiu levar o realismo mágico aos seus leitores, de forma a capturar a atenção e transformar uma simples leitura em uma reflexão expressiva dos momentos vividos pelo país.

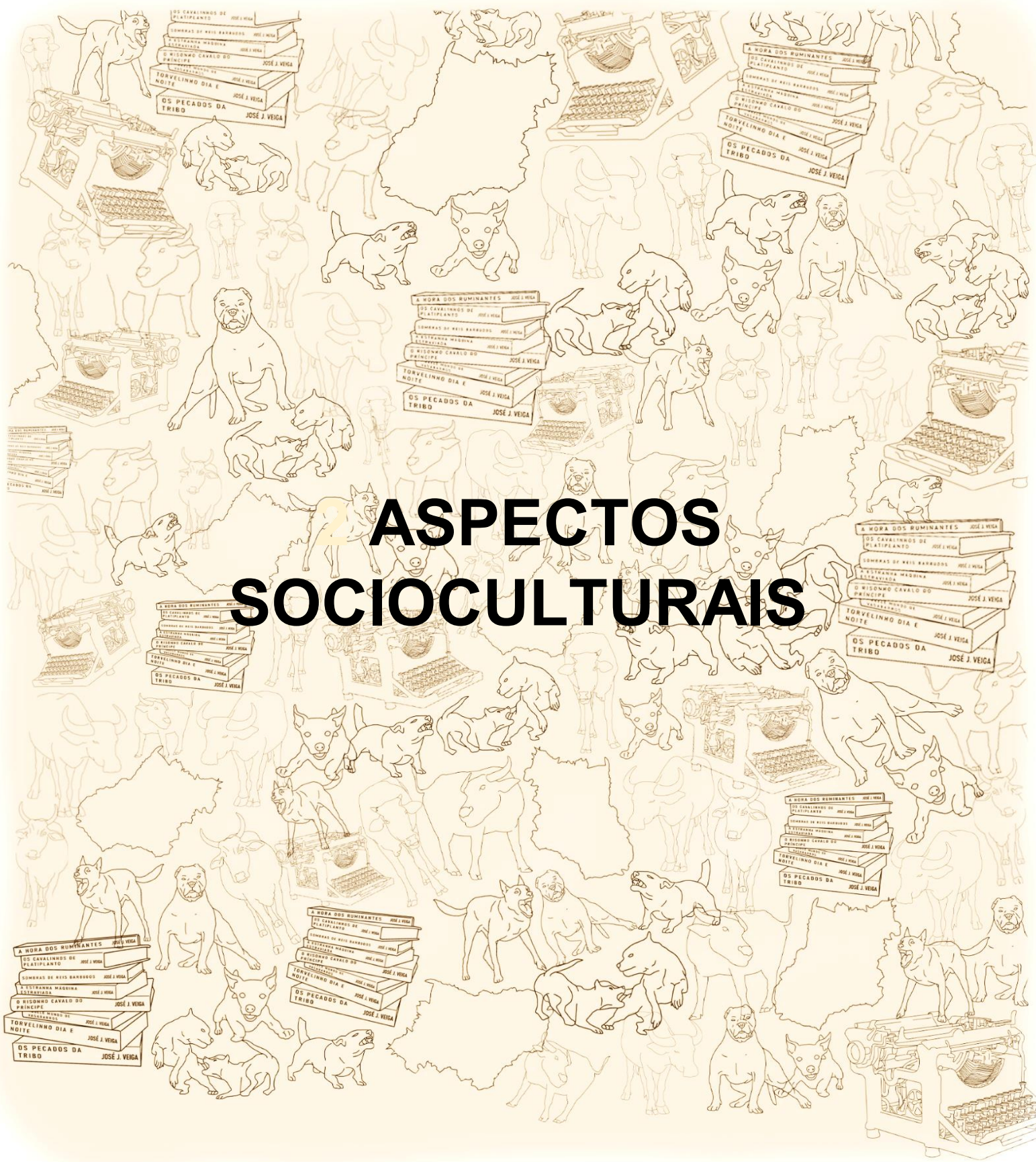
Junto aos livros, há vários documentos que englobam originais de romances, contos, artigos para jornal, além de cartas recebidas. Entre as

¹ **Adjetivo.** Que não se apresenta de maneira habitual; raro, incomum; anormal: problema insólito. Que se opõe à utilização das normas; que não se adequa às regras ou à tradição: modo de vida insólito.

prateleiras no Espaço José J. Veiga é possível encontrar livros, móveis, medalhas e troféus, obras de arte e objetos pessoais do escritor goiano.

Em 19 de setembro de 1999, faleceu em decorrência de um câncer no pâncreas no hospital Rio-Mar, na Barra da Tijuca (Zona Oeste) do Rio de Janeiro, deixando um legado literário que continua a ser apreciado e estudado por amantes da literatura portuguesa e por acadêmicos de todo o mundo. Apesar de tardia sua estreia no mundo dos livros, foi um escritor dos mais importantes da ficção brasileira.

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS



2.1 Contexto Histórico



O contexto histórico que influenciou as obras de José J. Veiga foi marcado por transformações políticas, sociais e culturais, tanto no Brasil quanto no mundo, tornando-se de grande extrema importância para entender a mensagem implícita em sua obra.

Durante a infância e juventude de Veiga, o Brasil passou por importantes transformações políticas. A Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, levou à queda do governo oligárquico da República Velha e ao início de uma nova era política. Vargas se tornou presidente e implementou um governo centralizado, marcado pelo populismo e por políticas de industrialização e modernização do país.

No entanto, a instabilidade política persistiu ao longo das décadas seguintes, culminando com o golpe militar de 1964. A ditadura militar que se instalou no país teve um impacto profundo na sociedade brasileira. A repressão política, a censura, a perseguição aos opositores e a restrição das liberdades civis marcaram esse período de autoritarismo. Essa atmosfera de repressão e cerceamento das liberdades também afetou a produção literária no Brasil.

José J. Veiga, como muitos escritores da época, encontrou na literatura uma forma de expressar-se de maneira alegórica, driblando a censura e abordando questões sensíveis da sociedade e do cotidiano brasileiro. O realismo mágico se apresentou como uma linguagem literária adequada para esse propósito, permitindo a exploração de temas complexos e a crítica velada ao regime autoritário.

Outra influência importante em suas obras foi sua origem do interior de Goiás. A cultura goiana, com suas tradições, crenças populares e paisagens distintas desempenhou um papel significativo na construção dos cenários e personagens presentes em suas narrativas. A experiência pessoal de Veiga foi uma fonte rica de inspiração para suas histórias, enriquecendo-as com elementos culturais e geográficos específicos.

Além disso, o contexto literário do Brasil no século XX também influenciou Veiga. O realismo mágico ganhou popularidade na literatura latino-americana e brasileira nessa época, inspirando muitos autores a explorarem universos ficcionais que desafiam a lógica convencional. A adoção dessa estética permitiu a Veiga criar uma narrativa singular, conectada com as tradições literárias do país, mas ao mesmo tempo inovadora e única em seu estilo.

2.2 O teor Regional em sua Obra



O regionalismo é uma característica marcante e recorrente nas obras de José J. Veiga, com certeza significativamente para a construção de uma identidade literária única. O autor possui um vínculo profundo com a cultura e o ambiente de sua região natal, que é frequentemente refletido em suas narrativas, principalmente nos cenários, personagens e temas abordados.

José J. Veiga apresentou uma visão crítica dentro de suas obras, tentando relacionar a conjuntura político-social do país, porém de uma forma que não se pudesse perceber claramente a crítica enraizada nos seus enredos. Com uma linguagem simples, carregada de ditados populares e cheia de passagens alegóricas e metafóricas, Veiga conseguiu mostrar, em suas narrativas, o povo do interior, com suas credices e costumes. Uma de suas características mais marcantes, com certeza, é a presença de elementos simbólicos em suas obras.

O regionalismo se faz presente no livro *A Hora dos Ruminantes*, de José J. Veiga. Nessa obra, o autor explora elementos culturais e sociais do interior do Brasil, especialmente na região do Cerrado, onde se passa a narrativa. O regionalismo é uma abordagem literária que valoriza e destaca as características particulares de uma região específica, seja na cultura, nas tradições, no dialeto ou nas paisagens. Nesta obra, o autor utiliza o cenário regional para enriquecer a trama e aprofundar a compreensão dos personagens e de seus refúgios com o ambiente ao seu redor.

É possível notar que a descrição dos espaços remete à ideia de cidades do interior, mais precisamente o interior de Goiás, lugar em que o escritor nasceu e se criou, e onde viveu uma parte de sua vida. Esse regionalismo pode ser visto no livro desde seu início, pois, Manaraima ganha vida já nas primeiras páginas, não apenas como uma descrição física de um lugar, mas como personificação de algo e como retrato dos costumes da sociedade da época.

O autor usa a descrição dos hábitos típicos do lugarejo para dar forma ao cenário. Já no início, ele recria as cenas típicas de cidades do interior quando descreve da seguinte forma “A noite chegava cedo em Manaraima. Mal o sol se afundava atrás da serra - quase que de repente, como caindo - já era hora de acender candeeiros, de recolher bezerros, de se enrolar em xales” (VEIGA, 2022, p. 10).

Ao descrever o anoitecer na pequena cidade de Manaraima, Veiga traz ao seu leitor o espaço onde se desenrolará todo seu enredo. Com a presença de carroças, de uma venda, de um pároco e do carpinteiro, como elementos que ganham destaque na obra, ele mostra a importância do espaço e como o interior goiano está presente em suas obras.

2.3 Linguagem Popular

A linguagem popular é empregada de maneira estratégica para enriquecer a caracterização dos personagens, criar uma atmosfera afetiva e estabelecer uma conexão mais próxima com o contexto cultural e social do cenário da história. A utilização dessa linguagem é um recurso que amplifica a confiança do ambiente retratado, trazendo à tona particularidades regionais e oferecendo um toque de realismo aos diálogos e entre os personagens.

A linguagem popular é revelada por intermédio do emprego de uns coloquialismos, regionalismos e padrões linguísticos que refletem o modo de falar das pessoas na região ou comunidade representada. Esse uso estabelece a identidade cultural dos personagens e contribui para a imersão do leitor no ambiente da história.

É importante ressaltar que a linguagem popular na obra serve como uma ferramenta para a caracterização dos personagens e a diferenciação entre

suas vozes individuais. Cada personagem pode apresentar nuances distintas em sua fala, refletindo sua origem, personalidade e experiências de vida. Essa variação linguística ajuda a criar personagens mais ricos e tridimensionais, além de contribuir para a configuração do ambiente narrativo.

Além disso, ela também pode ser usada como um recurso estilístico para enfatizar certos momentos emocionais, cômicos ou dramáticos da história. Expressões familiares e características podem ressoar de maneira mais profunda com os leitores, criando empatia e envolvimento emocional com os personagens e suas jornadas.

A estrutura vocabular utilizada pelo autor de *A Hora dos Ruminantes* corresponde àquilo que se constata ao cotidiano de lugarejos, pequenas comunidades e vilas. Veiga traz a seu leitor os ditados populares, fazendo assim um resgate das tradições e costumes, que remete ao público o sabor de uma vida interiorana, com tranquilidade e sem maiores preocupações.

A presença dos ditados populares traz muitos significados para o leitor. Em um dos diálogos produzidos, onde Geminiano tem uma conversa com um dos homens que está acampado próximo ao vilarejo, Veiga consegue expressar a simplicidade do personagem quando ele diz: “– Um momento, rapaz-disse. - Quando um burro fala, o outro pára para escutar. – Não entendo conversa de burro - disse Geminiano” (VEIGA, 2022, p. 13). A ingenuidade do personagem é retratada na falta de compreensão deste em relação ao emprego do ditado utilizado pelo outro homem.

O autor não se utiliza apenas de alegorias² como recurso estilístico em sua obra; Veiga no decorrer da narrativa faz uso de figuras de linguagem, como metáforas, comparações, eufemismos e metonímias.

Por exemplo, o trecho "O palco estava armado para os cachorros, e eles o ocuparam como demônios alucinados" (VEIGA, 2022, p. 26) contém duas figuras de linguagem: uma metáfora e uma comparação. "O palco estava armado para os cachorros" é uma metáfora. Nesse caso, o palco é comparado a um espaço que foi preparado ou organizado para os cachorros. A metáfora é usada para transmitir a ideia de que os cachorros estavam prestes a cumprir um papel ou uma ação significativa no contexto descrito; "eles o ocuparam como demônios

² Substantivo feminino. Expressão figurada, não real, de um pensamento ou de um sentimento, através da qual um objeto pode significar outro.

alucinados" é uma comparação que ajuda a enfatizar a intensidade e o comportamento frenético dos cachorros ao ocuparem o palco, sugerindo uma imagem de atividade intensa e descontrolada. Essas figuras de linguagem são usadas para adicionar interesse, vivacidade e ênfase ao texto, tornando a descrição mais expressiva e envolvente. A principal diferença entre metáfora e comparação é na maneira como expressam a relação entre os elementos. A metáfora sugere uma identidade ou similaridade implícita, enquanto a comparação utiliza palavras como "como" ou "parecido com" para indicar a semelhança de forma mais explícita.

Outra metáfora presente na obra está no trecho "Aquele mania de honesto, de ser palmatória do mundo, de dizer coisas que ninguém gosta de ouvir" (p. 22). Nesse contexto, a pessoa é comparada a uma "palmatória", que é um instrumento usado antigamente para bater nas mãos de estudantes como forma de punição. A metáfora está sendo usada para transmitir a ideia de que a pessoa tem a atitude de repreender, corrigir ou censurar o mundo, como se estivesse exercendo um papel de juiz moral ou de alguém que aponta erros nos outros. Essa figura de linguagem contribui para dar um tom mais vívido e expressivo à descrição, permitindo ao leitor visualizar e compreender melhor a atitude da pessoa mencionada na frase.

Nos trechos, "A noite baixou solene" (p. 55), "a fogueira adormeceu" (p. 56) e "os latidos rolaram estrada abaixo" (p. 25), são um exemplo de "personificação" ou "prosopopeia". A personificação é uma figura de linguagem em que características humanas são atribuídas a objetos inanimados, animais ou fenômenos naturais. No caso da frase "a noite baixou solene" (p. 55), a noite é tratada como se tivesse a capacidade de agir como um ser humano, baixando de forma solene, o que evoca uma sensação de seriedade e importância. Já na terceira, os latidos produzidos por cães estão sendo tratados como se sofreram a capacidade de "rolar", como se fossem objetos físicos, e de se mover pela "estrada".

Observem-se os fragmentos do texto: "— Tive de me armar por causa de uns bedamerdas aí fora" (p. 23) e "não davam trela" (p. 57). No primeiro, "bedamerdas" é uma expressão vulgar e pejorativa, usada para se referir a algo ou alguém sem importância, insignificante ou sem valor. Já no segundo, é uma expressão que significa que alguém não estava dando atenção ou importância a

algo ou alguém. Quando alguém "não dá trela", significa que essa pessoa não está interessada em conversar, ouvir ou se envolver com determinado assunto ou pessoa. Ambas as expressões não são formais e foram usadas para caracterizar personagens de maneira específica, criando um ambiente mais realista ou coloquial na narrativa.

No fragmento: "Manuel Florêncio era uma coceira que Amâncio tinha por dentro" (p. 22). Uma expressão em que a coceira reflete um incômodo interior. Na mesma frase é usada a expressão "[...] palmatória do mundo [...]." (p. 22) - Essa expressão, típica de algumas regiões do Brasil, demonstra alguém que assume responsabilidades excessivas

Em *A Hora dos Ruminantes*, a linguagem popular é uma faceta importante do retrato da cidade e de seus habitantes, ampliando a sensação de que o leitor está testemunhando acontecimentos em um ambiente autêntico e culturalmente rico. Através de expressões regionais e coloquialismos, o autor oferece uma experiência literária que não apenas cativa o leitor, mas também, enriquece a trama com um realismo linguístico que espelha a diversidade cultural do Brasil.

3 REALISMO MÁGICO



3.1 Realismo Mágico

A “literatura fantástica”, frequentemente associada ao termo "realismo mágico", é um gênero literário que desafia as fronteiras da realidade convencional ao introduzir elementos extraordinários e sobrenaturais em um contexto aparentemente comum e reconhecível (SIMÃO, 2020). Esta forma narrativa cria uma fusão entre o mundo real e o mundo mágico, desafiando a distinção entre o possível e o impossível, o racional e o irracional.

O termo "realismo mágico" foi popularizado por críticos literários para descrever a obra de escritores latino-americanos, como José J. Veiga, Gabriel García Márquez (1927-2014), Jorge Luis Borges (1899-1986), Julio Cortázar (1914-1984) e outros. No entanto, o conceito também é aplicado a obras literárias de diversas culturas e épocas que compartilham características semelhantes. O realismo mágico busca explorar as camadas mais profundas da realidade, questionando a percepção comum e revelando os aspectos misteriosos e ambíguos do mundo.

Segundo Chiampi (1980, p. 48), na literatura mágica temos seres que praticam ações contrárias às leis da natureza e tais práticas se enquadram na categoria fantástica. Assim, a literatura “é o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano”

A principal característica do realismo mágico é a maneira como ela insere o inexplicável no cotidiano. Eventos sobrenaturais, seres e elementos mágicos são apresentados com naturalidade, muitas vezes, sem serem questionados ou explicados. Esse gênero frequentemente desafia a noção de linearidade temporal, rompendo com a sequência causal dos eventos e criando uma sensação de atemporalidade.

Outra característica importante é a riqueza de detalhes descritivos, que muitas vezes acompanham esses elementos mágicos. A ênfase na imaginação sensorial permite que o leitor mergulhe nas atmosferas e nos ambientes cuidadosamente construídos, aumentando a sensação de envolvimento emocional e imersão.

Dessa forma, o realismo mágico serve como uma ferramenta de exploração de temas mais amplos, como a identidade cultural, memória, política, poder e o absurdo da existência humana. Os escritores desse gênero

frequentemente usam o elemento mágico para simbolizar e representar aspectos da realidade que podem ser difíceis de abordar diretamente.

No caso de José J. Veiga, o realismo mágico é uma expressão notável do imaginário literário, caracterizada pela habilidade do autor em explorar universos extraordinários e surrealistas, enquanto oferece uma reflexão sobre a realidade e a condição humana.

Em *A Hora dos Ruminantes*, Veiga constrói um cenário aparentemente rural e familiar, situado em um pequeno vilarejo. No entanto, à medida que a narrativa avança, elementos estranhos e inexplicáveis começam a se infiltrar na trama. Esses elementos mágicos, muitas vezes manifestados por meio de eventos e criaturas extraordinárias, desafiam as noções de causalidade e de leis naturais, desencadeando uma atmosfera de ambiguidade e perplexidade.

Um dos aspectos notáveis da narrativa reside na habilidade de Veiga de criar uma relação intrínseca entre o contexto sobrenatural e as dinâmicas sociais e psicológicas dos personagens. À medida que a realidade cotidiana é permeada por eventos mágicos, os habitantes da vila são forçados a confrontar seus medos, anseios e relações interpessoais. Essa abordagem enriquece a narrativa com camadas de significado, convidando os leitores a considerar as implicações psicológicas e sociais do inexplicável.

Além disso, *A Hora dos Ruminantes* apresenta uma prosa rica e evocativa, que contribui para a criação de um ambiente imersivo e mágico. A linguagem de Veiga é repleta de metáforas e imagens poéticas que extrapolam a atmosfera de estranhamento e fascinação presentes na narrativa. Esses recursos estilísticos, não apenas transportam o leitor para um mundo alternativo, mas também, instigam uma reflexão sobre os limites da linguagem na representação do inexplicável.

Trata-se, portanto, de uma obra que representa uma exploração profunda e provocativa do gênero realismo mágico. Através dela, Veiga demonstra sua capacidade de utilizar elementos sobrenaturais como uma ferramenta para examinar a psicologia humana, as relações sociais e as complexidades da existência. A fusão de realidade e fantasia nessa narrativa, convida os leitores a questionar a natureza da realidade, enquanto os envolve

em um universo literário que transcende as fronteiras da compreensão convencional.

Além disso, as obras de José J. Veiga possuem conotações sociais e políticas disfarçadas. Seus cenários fantásticos, repetidamente servem como uma lente através da qual ele examina as dinâmicas sociais, as hierarquias e os conflitos. O realismo mágico é uma ferramenta que Veiga utiliza para explorar as características da condição humana e os desafios enfrentados pela sociedade.

O realismo mágico, de José J. Veiga, não se limita a um único estilo ou abordagem, elas podem variar de contos curtos a romances mais extensos, mas todas compartilham uma qualidade intrínseca de deslumbramento e questionamento.



4 APRESENTANDO A OBRA

4.1 A Chegada



O primeiro capítulo do romance denomina-se “A chegada”, e retrata o início dessa obra que marcou uma geração calada pela ditadura, uma onda de mandos e desmandos, fazendo com que o leitor de J. Veiga consiga identificar essa passagem como uma alegoria³ ao regime militar

imposto nesse período. O primeiro capítulo desse enredo já demonstra todo estilo do autor, no qual ele faz uma breve apresentação dos personagens envolvidos, além de apresentar sua linguagem coloquial, interiorana e carregada de ditados populares.

Veiga, no início de sua obra, mostra ao leitor os retratos da vida no interior que, de repente, se abalam pela chegada de homens estranhos que invadem um terreno, cujo proprietário se chama Júlio Barbosa. As pessoas da pequena cidade se assustam com a chegada repentina de homens desconhecidos, os moradores estranham o fato de os “novos moradores” não fazerem nenhum tipo de contato, pelo contrário, se mostram rudes com quem tenta qualquer tipo de aproximação. A primeira ação dos “indivíduos” é fincar um mastro na terra, levantando várias perguntas entre os moradores de Manarairema.

Algo que chama atenção do leitor são os acontecimentos sem nenhum tipo de explicação. A forma incisiva dos “homens invasores”, em relação aos moradores da pacata cidadezinha, deixa claro o papel das alegorias presente nessa obra. Essa parte do enredo, traz também como ponto alto a relação de Geminiano (dono da carroça que servia toda Manarairema), com os “homens da tapera” (forma como o narrador do livro se refere a eles em grande parte do enredo), pois ao contratar seus serviços para carregar areia, não deixam a opção para Geminiano romper com esse compromisso, é possível observar

³ Expressão figurada, não real, de um pensamento ou de um sentimento, através da qual um objeto pode significar outro.

nesse trecho onde Geminiano se lamenta “ -O que é que eu faço? Como é que vou sair dessa prisão? Por que foi que não recuei enquanto era tempo?” (VEIGA, 2022, p. 55).

Os fatos insólitos permeiam por toda obra, todavia, neste capítulo, muitas coisas acontecem fora do padrão dessa cidadela retratada por Veiga. Como o fato de Amâncio (dono da venda) ir até o acampamento nas terras de Júlio Barbosa para “assuntar” com os homens, porém ao retornar, não comenta nada do que foi dito com ninguém, e após essa visita, este começa a recebê-los com frequência em seu estabelecimento, sem permitir a presença de mais ninguém enquanto eles estão por perto. Toda a comunidade de Manarairema acha intrigante esse comportamento daqueles que se envolvem com os novos “moradores” da cidadezinha.

4.2 O Dia dos Cachorros



O capítulo intitulado "O Dia dos Cachorros" retrata a invasão dos cachorros.

Já nas primeiras páginas Geminiano assusta as pessoas com a descrição dos animais que vivem na tapera junto dos homens, em uma de suas falas ele afirma “-Cachorros? Esconjuro. Capetas de quatro pés” (VEIGA, 2022, p. 59). Esse capítulo leva o leitor ao encontro do “estranho”, não há uma explicação racional para o comportamento e a quantidade de animais que estariam morando na tapera.

Durante o capítulo Veiga vai descrevendo a invasão de forma que não é possível identificar como tudo se deu. Eles apenas invadem a cidade, levando as pessoas a correrem para as janelas ou qualquer canto que fosse para observar. De acordo com o narrador “o palco estava armado para os cachorros, e eles o ocuparam como demônios alucinados” (VEIGA, 2022, p. 61). No primeiro momento os moradores de Manarairema tentaram espantar os invasores de quatro patas, contudo não era possível devido a quantidade. O mais intrigante é que com o passar do tempo a maioria dos habitantes começaram a aceitar

aquela situação, fazendo com que os “invasores” sentissem em casa, sendo tratados a pão de ló.

As crianças eram repreendidas, caso tentassem espantar ou agredir os cães, algumas pessoas não concordavam com a situação, porém não se manifestavam na frente dos outros, era uma espécie de medo que pairava no ar da pequena Manarairema.

E assim como surgiram, os cachorros abandonaram a cidadela, nas palavras do narrador “como obedecendo um comando secreto, todos os cachorros cessaram [...] ganhavam a estrada e subiam compacta a tapera, deixando para traz um vazio escuro [...]” (VEIGA, 2022, p. 65). O autor usa do insólito várias vezes em sua história, levando ao seu interlocutor a vivenciar aquilo que Todorov afirmou em sua obra, que “o fantástico leva, pois, uma vida cheia de perigos, e pode se desvanecer a qualquer instante. (TODOROV, 1939, p, 48).

4.3 O Dia dos Bois



O capítulo intitulado "O Dia dos Bois" emerge como um episódio paradigmático dentro do enredo, enriquecendo a narrativa com uma alegoria densa e convidando o leitor a explorar a interconexão entre a natureza, a sociedade e a experiência humana. Através da representação insólita dos bois, Veiga leva o leitor para algo antes inimaginável.

Neste capítulo, a cidade de Manarairema mais uma vez se torna o cenário onde o extraordinário se mescla ao cotidiano, desenvolvido em uma perspectiva duvidosa e intensamente reflexiva. Depois que os cachorros foram embora, houve uma calma aparente. Entretanto, um mal maior ainda estava por vir, a terceira invasão conhecida como “O dia dos bois”. Essa invasão é ainda mais assustadora e intimidadora do que a ocupação anterior que deixa as pessoas impotentes, dominadas não só física, como também psicologicamente.

Os bois, animais normalmente associados à força bruta e a servidão, assumem uma dimensão alegórica ao exercerem um papel ativo na estruturação das ruas da cidade. Essa inversão de papéis e a concretização das aspirações dos animais, transcendem o âmbito da realidade material, sugerindo uma alegoria mais profunda sobre as dinâmicas de poder, controle e autoafirmação.

A invasão dos bois também se presta a uma análise político-social mais ampla, ressoando como uma crítica sutil às normas sociais e à estratificação, ao mesmo tempo em que provoca uma reflexão sobre o potencial coletivo de redefinir as dinâmicas que moldam a sociedade.

A julgar pela diferença de tamanho dos dois animais, percebe-se uma metáfora, pelo tamanho dos bois é claro que a situação ficou mais intolerável, os habitantes foram sufocados, esta invasão é ainda mais assustadora e inesperada do que as anteriores, no sentido de que esta invasão gera um sentimento de impotência para os moradores, afinal, houve um grande aumento dos bois, que ocupando cada canto da cidade lhes tiram todo o direito de ir e vir.

Não se podia mais sair de casa, os bois atravancavam as portas e não davam passagem, não podiam; não tinham para onde se mexer. Quando se abria uma janela não se conseguia mais fechá-la, não havia força que empurrasse para trás aquela massa elástica de chifres, cabeças e pescoços que vinha preencher o espaço (VEIGA, 2022, p. 50).

Outro aspecto importante trata-se da alegoria do momento da ditadura referenciando à tortura, ameaças, neutralização e extração efetiva de informações. A tortura, o traço mais sombrio da ditadura, está nas palavras de Pedrinho, devastado física e mentalmente pelos homens da tapera:

- Eles tomaram ela de mim. Levaram lá para dentro. Eu reagi. Muitos me seguraram. Gritei, xinguei, mordi. Eles me amarraram. Ela ajudou. Nazaré ajudou. Me jogaram numa grota no quintal. Olhe as marcas das cordas. Me davam comida numa gamela no chão. Eu tinha de comer enfiando a cara, como cachorro. Ela ficava perto olhando, de vez em quando empurrava a gamela para longe com o pé, só para me ver me arrastar no chão. Hoje de madrugada manejei soltar as mãos, desamarrei as peias e fugi (VEIGA, 2022: 53).

Além dos métodos de tortura descritos no texto, fica evidente a revolta do personagem ao contar que sua namorada os ajudou. Colocando Nazaré como

representante de todos aqueles que traíram seus companheiros durante a repressão.

4.4 O Fim



A resolução dos acontecimentos, por fim, chega e nesse momento da história pode-se analisar a mensagem presente no texto.

Nesse momento da obra, os elementos atingem seu ápice, reconfigurando a cidade de Manarairema

de maneira irreversível. A narrativa explora as consequências da dinâmica entre o mundo humano e o mundo insólito, revelando situações além das estruturas convencionais da realidade. As criaturas ruminantes, que desde o início da obra representaram uma força incontrolável, atingem sua manifestação plena, criando um clímax que transborda os limites da compreensão humana.

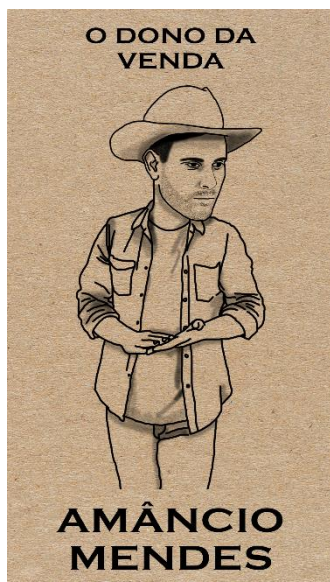
O autor aprofunda as reflexões sobre a condição humana, o significado da existência e a natureza efêmera da realidade. A cidade de Manarairema, uma vez familiar, é transformada em um cenário surreal e desafiador. Através das reações dos personagens diante dos eventos sobrenaturais, Veiga continua a explorar a complexidade das emoções humanas diante do inexplicável e da vulnerabilidade do ser humano diante das forças que escapam à compreensão.

Este capítulo também oferece uma visão mais profunda sobre o papel dos "Homens", como entidades misteriosas que influenciam os acontecimentos da história. Suas motivações e intenções permanecem enigmáticas, desafiando como interpretações únicas e convidando o leitor a refletir sobre a natureza das forças ocultas que moldam a realidade.

Ao concluir a narrativa com uma nota de ambiguidade e mistério, o autor provoca a mente do leitor a continuar a busca pelo significado subjacente das experiências e dos eventos insólitos. "O Fim" é, portanto, mais do que um simples desfecho narrativo; é um convite à reflexão sobre a transcendência, a intensidade e os limites da percepção humana.

4.5 Os Personagens

Cada personagem criado por Veiga, com certeza foi inspirado nos cidadãos do interior goiano, onde a vida pacata e a despreocupação com o cotidiano são evidentes a cada página apreciada por seus leitores. Não tendo uma simpatia por nenhum deles, todos compõem a importância da obra, fazendo com que o leitor consiga identificar seu papel dentro dela, ora para colocar seu interlocutor diante do insólito, ora para criar uma cena e recriar vocabulários que já não são mais tão comuns no cotidiano das grandes cidades. Apresenta-se agora cada um deles de acordo com as falas do narrador do enredo e as impressões de outros personagens presentes no manuscrito.



Amâncio Mendes

Com fama de valente, falava gritando, era conhecido por sua implicância com todos que discordassem dele, tem papel importante no enredo, pois é ele que toma coragem e vai até o acampamento na tapera para ver de perto o que os “homens” faziam. É possível observar que Veiga usa desse personagem para retratar o preconceito racial de forma sutil para sua época, como no trecho em que Amâncio toma a palavra e diz “Não aceito proeza de preto” (VEIGA, 2022, p. 30), quando se referia ao personagem Geminiano Dias.



Geminiano Dias

Bemquisto pelas crianças devido aos passeios que promovia em sua carroça era homem trabalhador que lutava para que todos o respeitassem; o narrador o descreve como “preto risonho, manso por fora, mas espinhento por dentro” (VEIGA, 2022, p. 30). Todos o respeitavam por conta de querer tudo sempre às claras.



Júlio Barbosa

O personagem que é apenas citado no enredo como o “dono real da tapera”, a qual os homens misteriosos invadiram. É descrito como um homem correto, de acordo com o narrador ele “era desses que quando saem a rua limpam a cara de qualquer sorriso para desanimar brincadeiras” (VEIGA, 2022, p. 29).



Manuel Florêncio

Todos o viam como um homem muito honesto, não entrava em “contendas”; considerado uma pessoa correta, mostra-se no enredo como amigo de Amâncio, apesar das diferenças entre eles. De acordo com o narrador Manuel “nunca entrava em complicações, nunca se alterava, não cultivava ofensas, mostrava seu desagrado na hora e passa uma esponja” (VEIGA, 2022, p. 50).



Padre Prudente e seu ajudante Balduino

Figura bastante comum em enredos regionalistas, o padre, nessa obra, não ganha muitas descrições, porém é o primeiro habitante da pacata cidade de Manarairema que tem contato com os “invasores misteriosos”, tanto ele quanto seu ajudante ficam surpresos com a falta de educação dos indivíduos que acabaram de chegar cidade.



Os “homens”

A descrição física dos homens pode remeter aos leitores de Veiga aos militares, logo no início o narrador afirma que Geminiano foi “interpelado na cerca do pasto por um homem alto, queixudo, de cabelo cortado a escovinha” (VEIGA, 2022, p. 28). Em outro ponto os “homens são descritos da seguinte maneira: “vestidos com paletós de cinto e bolsos com tampo e botões, coisa de gente de fora raramente vista em Manarairema” (VEIGA, 2022, p. 53)

4.6 A Hora dos Ruminantes

A obra *A Hora dos Ruminantes* de José J. Veiga ocupa um lugar de destaque no realismo mágico brasileiro. Publicada em 1966, a obra revela-se um marco na exploração das possibilidades narrativas e temáticas oferecidas pelo universo mágico, ao mesmo tempo que reflete a rica tradição da literatura brasileira.

A importância da obra reside, em primeiro plano, na maneira hábil com que o autor manipula as fronteiras entre o mundo real e o mundo mágico. Por meio da fusão entre o cotidiano e o insólito, Veiga desafia as convenções literárias tradicionais, proporcionando aos leitores uma experiência única de

suspensão da realidade. Nesse contexto, a cidade de Manaraima, palco da narrativa, assume características que transcendem o realismo, envolvendo-se em um cenário onde o possível e o impossível coexistem harmoniosamente.

Além disso, *A Hora dos Ruminantes* destaca-se por sua complexidade temática. O autor utiliza elementos mágicos não apenas como ferramentas de entretenimento, mas como veículos de exploração de questões filosóficas e existenciais. A poética relação entre o ser humano e a natureza, os dilemas morais e éticos, bem como a crítica ao estado social, são explorados por meio da lente do insólito. Nesse sentido, a obra oferece uma profundidade de significado que vai além da superfície mágica.

Ao promover a coexistência de eventos extraordinários com uma narrativa cotidiana, Veiga também adiciona uma dimensão reflexiva ao realismo mágico. A ambiguidade dos elementos mágicos estimula os leitores a questionar as fronteiras entre o real e o irreal. A ambivalência desses elementos contribui para uma experiência literária mais profunda, permitindo a interpretação múltipla e abrindo o espaço para a reflexão sobre a natureza da percepção e da realidade.



5 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

5.1 O conto “A usina atrás do morro” e sua relação com a obra

O conto “A Usina Atrás do Morro”, na obra *Os Cavalinhos de Platiplanto* de José J. Veiga, estabelece uma conexão significativa com o tema central do livro, assim como com o estilo literário distintivo do autor. Com uma prosa complexa e visualmente atraente, Veiga tece uma narrativa que aborda a relação entre o ambiente natural e o desenvolvimento humano, ao mesmo tempo em que lança elementos de estranheza e questionamento da realidade.

Nesse conto, a usina industrial, com sua presença imponente e seu impacto nas redondezas, serve como uma representação do progresso humano e da exploração dos recursos naturais em busca do avanço tecnológico. O contraste entre a usina e o morro, um elemento da paisagem natural, simboliza a interação entre as ambições humanas e a natureza que a envolve.

Através dessa interação, o autor examina temas mais amplos, como a relação desigual entre o desenvolvimento industrial e o meio ambiente, bem como a influência da tecnologia na vida das pessoas. A usina, com sua maquinaria e sua capacidade de transformar recursos naturais em energia, é um motivado da maneira como as atividades humanas moldam o ambiente e o ecossistema.

Ao incorporar elementos de estranheza e desvio da realidade, o conto espelha uma abordagem insólita que permeia toda a obra *A Hora dos Ruminantes*. A presença das criaturas ruminantes e sua relação aparente com a usina reforçam a sensação de que a fronteira entre o mundo natural e o sobrenatural é tênue e explicativa. A construção de realidades alternativas ou distorcidas é uma característica marcante do estilo de Veiga, que utiliza esses elementos para questionar a percepção convencional do mundo e instigar uma reflexão profunda sobre a natureza da realidade.

5.2 Manarairema: um lugarejo pacato

Em *A Hora dos Ruminantes*, a cidade de Manarairema se ergue como um cenário complexo e evocativo, que desempenha um papel simbólico profundo ao longo da narrativa.

Olhar Manarairema é conseguir identificar uma cidade pacata no interior de Goiás, que de repente se vê invadida por homens de origem duvidosa. Aqui, nesse cenário, J. Veiga consegue construir uma história intrigante, carregada de alegorias, que levam o leitor a analisar a situação em que se encontra o Brasil no período de sua publicação.

Manarairema é pintada com pinceladas que transitam entre a normalidade e o insólito, compondo uma dualidade que espelha a abordagem que o autor, José J. Veiga, emprega em boa parte de seus textos. Em sua essência, a cidade parece ser uma localidade típica, povoada por habitantes comuns, rotinas e estruturas urbanas. No entanto, conforme a narrativa avança, o véu da normalidade se desfaz, revelando as brechas na fachada da realidade.

A cidade é habitada por diversos personagens, cada um deles representando uma faceta da sociedade. Seus nomes, muitas vezes, ressoam com significados sutis ou simbólicos, acrescentando-se declarações de interpretação à trama. Os habitantes, imersos nas complexidades de suas vidas, operam como lentes daquilo que está ocorrendo.

A paisagem urbana de Manarairema é descrita com riqueza de detalhes, capturando os contornos de ruas e becos. O ambiente natural que cerca a cidade também é relevante, uma vez que a natureza parece se comunicar de maneira única com os acontecimentos sobrenaturais. Árvores, animais e elementos da terra adquirem vida e voz, acentuando ainda mais a fusão entre os mundos natural e humano.

A cidade, em última análise, torna-se uma representação microcós mica de um mundo onde os limites da realidade são fluidos. Através dela, José J. Veiga examina as fronteiras entre o comum e o extraordinário, explorando como os eventos insólitos vivenciaram a rotina das pessoas e a própria textura da sociedade. Manarairema se torna uma teia de significados, onde a estranheza e o familiar se entrelaçam, convidando o leitor a questionar as certezas transmitidas e explorar os recantos da percepção humana.

5.3 A alegoria e o mágico em esferas diferentes

Como trabalhado anteriormente, a alegoria é uma figura de linguagem muito utilizada pelo autor.

A obra *A Hora dos Ruminantes* de José J. Veiga é um exemplo notável da convergência entre a alegoria e o elemento fantástico na literatura. Através de uma intrincada tessitura narrativa, o autor explora diversas esferas destas duas formas literárias, criando uma teia complexa que convida à reflexão sobre questões sociais, existenciais e metafísicas.

Em primeiro plano, a alegoria é uma estratégia que permeia a trama, permitindo ao autor tecer comentários sobre a sociedade e a natureza humana. Elementos da narrativa, como os animais que adquirem características humanas e os objetos que ganham vida, adquirem uma dimensão vivida. Essas manifestações isoladas, podem ser interpretadas como representações alegóricas de aspectos da sociedade, tais como os efeitos da industrialização descontrolada, o conflito entre natureza e tecnologia, ou ainda os desafios morais, éticos e políticos que a humanidade enfrenta.

Ao mesmo tempo, o elemento mágico desempenha um papel fundamental na construção do mundo ficcional, criando uma atmosfera de estranheza e suspense. O encontro entre a alegoria e o mágico, se torna enriquecedor a experiência literária, pois os elementos alegóricos se estendem para além dos limites da trama, convidando o leitor a refletir sobre questões que ultrapassam o contexto narrativo imediato. O mundo surreal e os eventos extraordinários constituem um palco onde a alegoria se fortaleceu, revelando verdades subjacentes sobre a condição humana e a sociedade.

É possível observar que, na obra, Veiga habilmente explora as diferentes esferas da alegoria e do fantástico. A alegoria serve como uma lente através de qual o autor critica e comenta as questões sociais, enquanto o realismo mágico cria um ambiente onde a estranheza e o extraordinário desafiam a compreensão convencional. Este encontro proporciona um ambiente fértil para uma contemplação profunda sobre a natureza da realidade, a condição humana e o papel do indivíduo na teia social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso**: forma e ideologia do romance hispano-americano. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

PAGANINI, Vera Lúcia Mendes. **O fantástico alegórico e a realidade sociopolítica em *A hora dos ruminantes*** – José Jacinto Veiga. ÍCONE - Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v. 1, p. 123-139, dez. 2007. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/3429>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PINHEIRO, Carlos André; ALMEIDA, Gil Derlan Silva; ROCHA, Wagner dos Santos. **Da escuridão dos muros às profundezas do céu**: Apontamentos sobre poder, ordem e política em Sombras de reis barbudos de José J. Veiga. Revista Desenredos - ISSN 2175-3903- ano XIII, n. 35, Teresina/PI - março 2021

SIMÃO, Luciano Galvão. **Aspectos do realismo mágico brasileiro nas obras de Murilo Rubião e José J. Veiga**. U.Porto. Faculdade de Letras Universidade do Porto, 2020. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/130625/2/432477.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

TODOROV, Tzevan, 1939. **Introdução à literatura fantástica** / Tzvetan Todorov; (tradução Maria Clara Correa Castello). – São Paulo: Perspectiva, 2007. (Debates; 98/ dirigida por J. Guinsburg)

VEIGA, José J. **A hora dos ruminantes**, 8ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1974.

VEIGA, José J. **A hora dos ruminantes**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022